

OFICINA

***“A PALAVRA SOLIDÃO
FAZ-ME COMPANHIA”***

**Motivação para a escrita
[de Poesia]**

[CADERNO EM CONSTRUÇÃO]

João Manuel Ribeiro

Introdução e Objectivos

VER CLARO

*Toda a poesia é luminosa, até
a mais obscura.
O leitor é que tem às vezes,
em lugar de sol, nevoeiro dentro de si
e o nevoeiro nunca deixa ver claro.
Se regressar outra vez e outra vez
e outra vez
a essas sílabas acesas
ficará cego de tanta claridade.
Abençoado seja se lá chegar.*

Eugénio de Andrade (*Os Sulcos da Sede*, 17).

A poesia possibilita o desenvolvimento da comunicação oral e escrita uma vez que é um tipo de texto livre das restrições linguísticas impostas pelos textos comuns, permitindo, por isso, aceder a um uso da linguagem distinto do habitual (Ruiz-Ruano, 1999). Kristeva (1980) designa esta possibilidade como uma revolução da língua de comunicação. A linguagem poética, no dizer de Jean (1995), tem outras preocupações para além de comunicar o que não exclui que ela seja também, sempre e sem dúvida em primeiro lugar, língua de comunicação. A poesia “faz falar muito e, sobretudo, faz escrever” (Rubim, 2000, 47) e reivindica uma explicitação acerca do seu sentido e isto conduz a uma escrita, ou re-escrita (ainda que oral) do poema, podendo essa assumir configurações diversas. “Falar de poesia – adverte Seixo (2000, 50) – consiste, portanto, em escrever: escrever poesia, outra ou a partir dessa, escrever ao lado da poesia, ou sobre (ou sob) a poesia (...) porque só a escrita trabalha o sentido que se considera, desenvolve ou reformula”.

A articulação dos vários códigos linguísticos implicados no texto poético possibilita o desenvolvimento das capacidades de expressão oral (como a rima e outros aspectos fonéticos, a musicalidade, etc.) e de escrita, rompendo com as barreiras meramente informativas e constituindo-se como ponto de partida para uma escrita criativa (Lourenço, 2000, 26). Tendo em conta que jogar com as palavras permite captar e conservar o prazer das mesmas, que “a dicção é metade do pensamento, o resto é vocabulário” (Jean, 1995, 123), que as cantilenas e os jogos de palavras fornecem ao leitor um “outro” vocabulário, que a leitura da poesia em voz alta é fundamental, pode sustentar-se o valor educativo da poesia no que toca ao desenvolvimento e estruturação da comunicação oral e escrita (Krehel, 2003).

No dizer de Cumming (2007) as crianças têm uma predilecção espontânea para “brincar” com a linguagem, incorporando a poesia antes da escola e do contacto curricular com a mesma. Reconhecendo que a investigação sobre a linguagem das crianças na sala de aula é escassa,

esta autora apresenta um estudo de caso comparando dois grupos de alunos, concluindo que as crianças que se envolvem com o jogo da linguagem criativa proporcionada pela poesia apresentam uma desenvoltura maior na comunicação oral e escrita. Esta investigação sugere que o professor/educador deve potenciar as experiências poéticas, na construção de pontes entre os conhecimentos de linguagem dos alunos e os conhecimentos especializados da poesia ensinados na aula.

Segundo Ediger (2002), a melhor articulação entre leitura e escrita faz-se pela introdução curricular da poesia, sendo que a leitura em voz alta possibilita aos alunos o contacto com as actividades de leitura e desenvolve os sentimentos e a dimensão estética da aprendizagem.

Van Wyhe (2006), num relato da sua experiência de ensino da poesia, aponta as muitas vantagens da mesma, como a brevidade de leitura e discussão de um poema completo para dar início a uma aula ou a variedade de textos que possibilita a descoberta duma série vasta de temas e estilos. A poesia é ainda relevante, segundo a autora, para ensinar a escolha das palavras, desenvolvendo a fluência oral e escrita e ajudando os alunos a compreender o modo, o tom e sentido das emoções do que lêem e do que escrevem. A poesia oferece modelos para que estes os possam experimentar, ajudando cada um a adquirir o seu estilo de escrita.

Tendo estes dados em conta, propomo-nos oferecer a professores do 1.º Ciclo, educadores e bibliotecários uma oficina onde possam reconhecer e sobretudo exercitar (de modo pessoal e em grupo) um conjunto de estratégias e ferramentas poéticas susceptíveis de serem desenvolvidas com crianças nos diversos contextos de leitura e escrita (Jardim de Infância, Escolas do 1.º Ciclo e Actividades de Biblioteca)

Porque

“As crianças não são todas poetas.

Pois não; as crianças são a poesia.”

(Teresa Guedes – Poetas difíceis? – Um mito. Lisboa: Caminho)

OBJECTIVOS

Compreender a **especificidade do texto poético**;

Descobrir o **valor intrínseco e instrumental da poesia**;

Estimular o **exercício** da escrita poética;

Exercitar um conjunto de **ferramentas poéticas criativas**;

Potenciar a capacidade do **ensino da poesia** com arte, imaginação e criatividade;

Desenvolver a **relação criadora com a língua e a escrita**.

O DES-ENROLAR DA OFICINA

Introdução

- A força das palavras

1. O Que é a poesia?

- Como definir o inefável?
- O que faz de uma poesia uma poesia? (*Notas características da poesia*)

2. Quem é o poeta?

- *De poeta e louco...!* Quem pode escrever poesia?
- Sobre que pode escrever-se poesia?

3. Como escrever e ensinar a escrever poesia?

- Como pode escrever-se poesia?
- Anatomia de um poema - o Corpo do poema
- Ao sabor do pensamento, do prazer e da emoção

4. Ferramentas poéticas

- As metáforas e as “primas” - recursos estilísticos
- A magia da rima – tipos de rima
- Música e ritmo

5. Dar corda às Palavras: escrever com...

- Letras e Traços
- Palavras e encadeamentos
- Textos multiplicados
- Modelos e subversões

INTRODUÇÃO

A força das palavras

Mistérios da escrita

*Escrevi a palavra flor.
Um girassol nasceu
no deserto de papel.
Era um girassol
como é um girassol.
Endireitou o caule,
sacudiu as pétalas
e perfumou o ar.
Voltou a cabeça
À procura do sol
e deixou cair dois grãos de pólen
sobre a mesa.
Depois cresceu até ficar
com a ponta de uma pétala
fora da natureza.*

Álvaro Magalhães
O Limpa-palavras e outros poemas. ASA, 2000

A escritora e poetisa **Maria Alberta Menéres**, num livro intitulado “**O poeta faz-se aos 10 anos**” define assim a poesia:

“ (...) A poesia é a beleza e o sentido das coisas e de nós próprios.

É uma maneira de olhar o mundo.

É uma forma de atenção a tudo.

Ela pode estar em toda a parte: nós, às vezes, é que não estamos onde ela está, só porque passamos ou vivemos distraídos.

E outras vezes *estamos* e encontramos-la.

E outras vezes encontramos a poesia e não a sabemos escrever” (p.8)

Escrever poesia é assim “**tentar ir à raiz das coisas. Fugir do repetido, do habitual, do “já sabido”**” (p.9)”. Trata-se de captar, agarrar com o coração e o pensamento o sentido das coisas e fazer descer esse sentido à folha, com a melhor das palavras para o dizer.

A força das palavras

*Juntei várias letras
- escrevi um letreiro.*

*Acendi as brasas
- que grande braseiro!*

*Soltei quatro berros
- armei um berreiro!*

*Juntando formigas
fiz um formigueiro.*

*Será que com carnes
se faz um carneiro?*

Luísa Ducla Soares,
Poemas da mentira e da verdade. Livros horizonte, 2005

Em Síntese, a poesia é:

- a beleza das coisas
- o sentido das coisas
- um sentimento (...)
- a imaginação sensível das coisas
- vivência, sabedoria, rigor
- o amor pelas letras e pelo que elas podem
- o amor pelas palavras e pelo jogo que as lança na aventura
- poesia ideia e energia
- comunicação e descoberta sempre renovada
- poesia espanto
- poesia texto
- poesia poesia

(Maria Alberta Menéres)

Não sei se isto é um poema

Hoje quase ninguém sabe o que são poemas
porque estão ocupados com outros temas.

Mesmo que este não seja um poema
está a saber-me bem escrever!

Depois de pronto, ele e o entusiasmo
aninharam-se no meu bolso e saímos à rua
portáteis, vivos, anónimos e felizes por ter
este segredo só nosso para esconder.

Teresa Guedes (Poetas “difíceis”? – Um mito)

1. O QUE É A POESIA?

1. 1. Como definir o inefável?

Poesia é quando uma emoção encontrou o seu pensamento e o pensamento encontrou as palavras. (*Robert Frost*)

A poesia é o melhor uso das palavras para dizer mais do que as palavras podem dizer. (*Marvin Bell*)

Podemos não saber o que a poesia é, mas reconhecemo-la quando a vemos. (*Jean L'Anselme*)

Dizem que a poesia se define pela sua oposição. Mas o que é o oposto de poesia?. (*Mahmoud Darwish*)

Nunca escrevi um poema de que conhecesse o fim. Um poema é descoberta. (*Robert Frost*)

A poesia é um mundo fechado na mente do homem. (*Victor Hugo*)

Um poeta é fazedor profissional de objectos verbais. (*W. H. Auden*)

Eu sei que a poesia é indispensável, mas não sei dizer para quê. (*Jean Cocteau*)

A poesia é a criação rítmica da beleza em palavras. (*Edgar Allan Poe*)

A poesia é a linguagem que ninguém fala, mas toda a gente entende. (*Alfred de Musset*)

Ser poeta é uma condição, não uma profissão. (*Robert Frost*)

Os poetas são como as crianças: quando se sentam na sua secretária, os seus pés não tocam o chão. (*Stanislaw Jerzy Lec*)

A poesia não é a recordação de um evento: é o evento. (*Robert Lowell*)

A poesia é a vida destilada. (*Gwendolyn Brooks*)

Na poesia... a ordem das palavras é a ordem do teu coração. (*Pedro A. Rosado*)

Poesia é ouvir com os ouvidos mas ver só com a mente. (*Octávio Paz*)

Um poema pode comunicar antes de ser entendido. (*T. S. Eliot*)

A poesia é um eco pedindo a uma sombra para dançar. (*Carl Sandburg*)

A poesia é pensamento que respira e palavra que arde. (*Thomas Grey*)

A poesia é linguagem na qual o homem explora o seu próprio contentamento. (*Christopher Fry*)

A poesia é a deificação da realidade. (*Edith Sitwell*)

Poesia é criar algo que nunca veremos. (*Gerardo Diego*)

A poesia não pode ser definida, só experienciada. (*Christopher Logue*)

A poesia é como uma ave, ignora todas as fronteiras. (*Yevgeny Yevtushenko*)

A poesia é tudo o que há de íntimo em tudo. (*Victor Hugo*)

Todos os grandes poetas se tornam naturalmente, fatalmente, críticos. (*Charles Baudelaire. In "A Arte Romântica"*)

Um grão de poesia basta para perfumar todo um século. (*José Martí. In "Páginas Escolhidas"*)

O poeta faz-se vidente através de um longo, imenso e sensato desregramento de todos os sentidos. (*Arthur Rimbaud. In "Cartas"*)

Se a poesia não surgir tão naturalmente como as folhas de uma árvore, é melhor que não surja mesmo. (*John Keats*)

Uma palavra e tudo está salvo / Uma palavra e tudo está perdido. (*André Breton. In "O Revólver de Cabelos Brancos"*)

Todas as coisas têm o seu mistério, e a poesia é o mistério de todas as coisas. (*Frederico Garcia Lorca. In "Conversa Sobre o Teatro"*)

A poesia é ao mesmo tempo um esconderijo e um altifalante. (*Nadine Gordimer. In "Poema"*)

A poesia numa obra é o que faz aparecer o invisível. (*Nathalie Sarraute*)

Seja em que poesia for, o caos deve transparecer sob o véu cerrado da ordem. (*Friedrich Novalis*)

A falsidade eterna da poesia é que nela os acontecimentos decorrem num tempo diferente do real. (*Cesare Pavese. In "Il Mestiere di Vivere"*)

A arte apenas faz versos, só o coração é poeta. (*André Chénier. In "Elégies"*)

O poema deve ser como a estrela que é um mundo e parece um diamante. (*Juan Ramón Jiménez*)

Para mim, o importante em poesia é a qualidade da eternidade que um poema poderá deixar em quem o lê sem a ideia de tempo. (*Juan Ramón Jiménez*)

Prosa: palavras na sua melhor ordem; poesia: as melhores palavras na melhor ordem. (*Samuel Coleridge. In "Table Talk"*)

A poesia é um nexo entre dois mistérios: o do poeta e o do leitor. (*Dámaso Alonso*)

A poesia tem comunicação secreta com o sofrimento do homem. (*Pablo Neruda*)

A poesia torna-nos mais ternos, mais sãos, mais afectuosos, mais atentos aos problemas que nos rodeiam, mais abertos aos outros e também mais respeitadores deste planeta que temos entre mãos. A poesia (...) é o sal da Terra, o mel, e, às vezes, saudável tintura, tão necessária para sarar as feridas. (*António A. Gómez Yebra*)

1. O QUE É A POESIA...?

A poesia, não se sabe o que é.

Nem é preciso.

O que é realmente importante ninguém sabe.

(Os homens, de resto, só querem saber do que sabem...)

Não devia ser assim, claro.

Mas deixá-lo. O que ninguém sabe

É que tem o mistério e a pureza de não ser

Coisa nenhuma exactamente.

Eduíno de Jesus

2. O QUE É A POESIA...?

Os saltimbancos do circo só nos emocionam quando actuam na pista, executando os malabarismos extraordinários que só eles sabem fazer. Ao contrário, quando fazem o que toda a gente pode fazer, como estrelar um ovo ou comprar um jornal, os saltimbancos são tão pouco emocionantes como qualquer outra pessoa (como tu ou como eu).

Do mesmo modo, as palavras não nos emocionam quando se comportam de modo ordinário (como, por exemplo, para pedir uma borracha emprestada). Todavia, quando estas mesmas palavras adoptam um comportamento extraordinário (quer dizer, quando as palavras fazem piruetas artísticas na sua pista), começam a

emocionar de uma forma assombrosa. À pista onde as palavras actuam como saltimbancos surpreendentes chamamos poesia.

Sem circo, sem música, sem teatro, sem poesia... a vida humana seria pouco mais que uma vida animal. Bem-vindos ao circo poético!

[Miquel DescLOT]

O QUE É A POESIA?

Poesia
é uma ilha
rodeada de palavras
por todos os lados.

Cassiano Rivardo (Poeta Brasileiro)

A poesia junta os sons
com a delicadeza
das bordadeiras e dos ourives
quando querem
que aconteça beleza.

José Jorge Letria (A Casa da Poesia)

[A POESIA]

É uma casa de sons,
que por vezes parecem música,
embora sejam apenas palavras,
palavras simples e graves,
agudas e tristes,
cantantes e belas,
palavras que são a pedra e a cal
dessa casa onde todos podem morar.

A poesia tem uma casa
toda feita de versos
que podem ou não rimar,
que podem fazer rir ou chorar (...).

A poesia tem uma casa
que não é grande nem pequena,
pois tem o tamanho
que tem cada poema.

A poesia dá nome
ao que no falar comum
raramente nome tem
e deixa sempre em cada um
o desejo sentido
de falar com mais alguém
para que a poesia cresça
e os leitores mereçam
porque lhes faz bem.

A casa da poesia
nunca será assaltada,
porque aquilo que nela existe,

sendo um tesouro raro,
afinal não vale nada
para os ladrões escondidos
no escuro da madrugada.

Na casa da poesia
existe sempre à mão
a poeira de magia
a que se chama inspiração
e esse jeito secreto
de juntar trabalho e emoção.

José Jorge Letria (excertos de A CASA DA POESIA)

3. O QUE É A POESIA...?

Se o poema não serve para dar o nome às coisas
outro nome e ao silêncio outro silêncio,
se não serve para abrir o dia
em duas metades como dois dias resplandecentes
e para dizer o que cada um quer e precisa
ou o que a si mesmo nunca disse.

Se o poema não serve para que o amigo ou a amiga
entrem nele como numa ampla esplanada
e se sentem a conversar longamente com um copo de vinho na mão
sobre as raízes do tempo ou o sabor da coragem
ou como tarda a chegar o tempo frio.

Se o poema não serve para tirar o sono a um canalha
ou ajudar a dormir o inocente
se é inútil para o desejo e o assombro,
para a memória e para o esquecimento.

Se o poema não serve para tornar quem o lê
num fanático
que o poeta então se cale.

António Ramos Rosa

O QUE É A POESIA?, segundo Alice Vieira

O que é a poesia?

(...) **A poesia, apesar de se fazer com palavras, está muito para além delas.** É aquilo que essas palavras conseguem levar e depositar no nosso coração. E para que isso aconteça, não é preciso que sejam palavras complicadas, frases elaboradas, rimas perfeitas. (como verás, muitos (...) poemas nem sequer rimam). **É outra coisa. Que não se consegue nomear, mas que se sente.**

(...) Na poesia podemos não entender tudo, podemos nem entender nada. Mas, sem sabermos como, ela fica em nós.

(Excerto(s) do Prefácio de Alice Vieira no livro "O meu primeiro Álbum de Poesia")

1.2. O que faz de uma poesia uma poesia? (Notas características da poesia)

A poesia apresenta particularidades em relação a outros tipos de textos, como os descritivos e expositivos, por força de um conjunto de códigos que, orgânica e unitariamente considerados, lhe

conferem um valor intrínseco inquestionável com claras repercussões axiológicas cognitivo-educativas. São eles, resumidamente:

- **O código fónico-rítmico**: o som e o ritmo, a musicalidade e a cadência são características peculiares e específicas do texto poético que, por norma, não ocorrem num texto não literário e não são preocupação fundamental num texto literário de índole não poética; a poesia trabalha muitas vezes sobre padrões de som e entoação com a intenção de nos obrigar a ouvir um verso ou conjunto de versos de um modo particular, como fez notar Shelley, no longínquo ano de 1840 (2001, 43): “Os sons, bem como os pensamentos, estão relacionados entre si e também entre aquilo que representam, e a percepção da ordem destas relações tem-se verificado sempre estar ligada à percepção da ordem das relações do pensamento”.

- **O código métrico** que regula a organização peculiar da forma de expressão dos textos poéticos; a poesia, ao inscrever-se, por norma, dentro de padrões métricos e rítmicos que não existem nos textos descritivos e expositivos, remete, ao invés destes para a forma e a memória do texto.

- **O código estilístico** condensa um conjunto de figuras de estilo que, pela sua abundância e pertinência, configuram o texto poético como um texto peculiar; a conjugação de figuras de estilo que se apresentam separadas ou articuladas de maneira orgânica, e na qual se observa uma densidade particular de comparações, metáforas, imagens e significados que captam a realidade das coisas, dos acontecimentos e das pessoas de modo não meramente informativo, envolvendo o entendimento, a fruição estética e apelando em simultâneo para o universo da emoção, dos sentimentos e da criatividade.

- **O código técnico-compositivo** que regula a organização das macroestruturas formais do conteúdo e da expressão do texto poético; a articulação entre forma e conteúdo, habitualmente concretizada naquilo que podemos chamar de “jogo de palavras”, onde abunda a distorção da linguagem e da estrutura sintáctica, num processo de “desfamiliarização” desenvolve a compreensão a diversos níveis. Com efeito, este jogo de palavras, numa justaposição do familiar e do estranho, força-nos a escutar e a considerar de novo coisas a que, de outro modo, prestaríamos pouca atenção.

- **O código semântico-pragmático** que, não sendo específico do texto literário, assume neste uma configuração conotativa e plurisignificativa especial ou uma representação multinivelada. Com efeito, “pela exploração sistemática de diferentes paletas de significado, um conjunto de expressões e imagens pode ser-nos apresentado simultaneamente em mais de uma perspectiva”.

Numa palavra: o som e o ritmo, a musicalidade e a cadência, a métrica e a rima, as figuras de estilo, a distorção linguística e sintáctica e a plurisignificação e representação multinivelada, a acumulação de imagética e a construção de uma linguagem com múltiplos níveis são recursos que só a poesia possibilita e “pelos quais podemos dizer que a poesia revela ou mostra coisas, análogas a formas de pensamento pelas quais um argumento pode mostrar, ou uma experiência descobrir, alguma coisa” (Graham, 1997, 189).

Estes recursos são meios pelos quais a mente é dirigida para níveis e estilos de compreensão peculiares.

2. QUEM É O POETA?

O POETA: O LIMPA-PALAVRAS

Limpo palavras.

Recolho-as à noite, por todo o lado:

A palavra bosque, a palavra casa, a palavra flor.

Trato delas durante o dia
enquanto sonho acordado.

A palavra solidão faz-me companhia.

Quase todas as palavras

precisam de ser limpas e acariciadas:

a palavra céu, a palavra nuvem, a palavra mar.

Algumas têm mesmo de ser lavadas,
é preciso raspar-lhes a sujidade dos dias
e do mau uso.

Muitas chegam doentes,
outras simplesmente gastas, estafadas,
dobradas pelo peso das coisas
que trazem às costas.

A palavra pedra pesa como uma pedra.

A palavra rosa espalha o perfume no ar.

A palavra árvore tem folhas, ramos altos.

Podes descansar à sombra dela.

A palavra gato espeta as unhas no tapete.

A palavra pássaro abre as asas para voar.

A palavra coração não pára de bater.

Ouve-se a palavra canção.

A palavra vento levanta os papéis no ar
e é preciso fechá-la na arrecadação.

No fim de tudo voltam os olhos para a luz
e vão para longe,

leves palavras voadoras
sem nada que as prenda à terra,
outra vez nascidas pela minha mão:
a palavra estrela, a palavra ilha, a palavra pão.

A palavra obrigado agradece-me.

As outras não.

A palavra adeus despede-se.

As outras já lá vão, belas palavras lisas
e lavadas como seixos do rio:

A palavra ciúme, a palavra raiva, a palavra frio.

Vão à procura de quem as queira dizer,
de mais palavras e de novos sentidos!
Basta estenderes um braço para apanhares
a palavra barco ou a palavra amor.

Limpo palavras.!

A palavra búzio, a palavra lua, a palavra palavra.

Recolho-as à noite, trato delas durante o dia!

A palavra fogão cozinha o meu jantar.!

A palavra brisa refresca-me.

A palavra solidão faz-me companhia.

Álvaro Magalhães (*O limpa-palavras e outros poemas*)

2.1. De poeta e louco...! Quem pode escrever poesia?

QUEM PODE ESCREVER POESIA?, segundo Alice Vieira

(...) **Não há uma maneira única de escrever poesia.** Há quem, através da poesia, conte uma história; há quem recorde um pequeno pormenor que lhe chamou a atenção; há quem evoque cenas familiares; há quem escreva sobre um cheiro ou um olhar; há quem, muto simplesmente, brinque com as palavras e os seus sons.

(Excerto(s) do Prefácio de Alice Vieira no livro “O meu primeiro Álbum de Poesia”)

O POETA?

“O Poeta beija tudo, graças a Deus... E aprende com as coisas a sua lição de sinceridade... E diz assim: “É preciso saber olhar...” E pode ser, em qualquer idade, ingénuo como as crianças, entusiasta como os adolescentes e profundo como os homens feitos... E levanta uma pedra escura e áspera para mostrar uma flor que está por detrás...

E perde tempo (ganha tempo...) a namorar uma ovelha... E comove-se com coisas de nada: um pássaro que canta, uma mulher bonita que passou, uma menina que lhe sorriu, um pai que olhou desvanecido para o filho pequenino, um bocadinho de sol depois de um dia chuvoso... E acha que tudo é importante... E pega no braço dos homens que estavam tristes e vai passear com eles para o jardim... E reparou que os homens estavam tristes... E escreveu uns versos que começam desta maneira “O segredo é amar...”.

Sebastião da Gama (Diário)

O PASSAPORTE

“Um dia foi a minha vez de ir a Paris. Foi necessário um passaporte. Pediram a minha profissão. Fiquei atrapalhado! Pensei um pouco para responder verdade e disse a verdade: Poeta!

Não aceitaram.

Também pediram o meu estado. Fiquei atrapalhado. Pensei um pouco para responder verdade e disse a verdade: Menino!

Também não aceitaram.

E para ter o passaporte tive de dizer o que era necessário para ter o passaporte, isto é – uma profissão que houvesse e um estado que houvesse!”

Almada Negreiros (Obras Completas, Vol. I – Poesia. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda).

OS OLHOS DO POETA

O poeta tem olhos de água para reflectirem todas as cores do mundo,
E as formas e as proporções exactas, mesmo das coisas que os sábios desconhecem.
Em seu olhar estão as distâncias sem mistério que há entre as estrelas,
E estão as estrelas luzindo na penumbra dos bairros da miséria,
Com as silhuetas escuras dos meninos vadios esgueldados ao vento.
Em seu olhar estão as neves eternas dos Himalaias vencidos
E as rugas maceradas das mães que perderam os filhos na luta entre pátrias
E o movimento ululante das cidades marítimas onde se falam línguas da terra
E o gesto desolado dos homens que voltam ao lar com as mãos vazias e calejadas
E a luz do deserto incandescente e trémula, e os gelos dos pólos, brancos, brancos,
E a sombra das pálpebras sobre o rosto das noivas que não noivaram
E os tesouros dos oceanos desvendados maravilhando como contos-de-fada à hora da infância
E os trapos negros das mulheres dos pescadores esvoaçando como bandeiras aflitas
E correndo pela costa de mãos jogadas pró mar amaldiçoando a tempestade:
- todas as cores, todas as formas do mundo se agitam e gritam nos olhos do poeta.

Do seu olhar, que é um farol erguido no alto de um promontório,
 Sai uma estrela voando nas trevas
 Tocando de esperança o coração dos homens de todas as latitudes.
 E os dias claros, inundados de vida, perdem o brilho nos olhos do poeta
 Que escreve poemas de revolta com tinta de sol na noite de angústia que pesa no mundo.

Manuel da Fonseca – Poemas Completos (Textos Forja).

SER POETA

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior
 Do que os homens! Morder como quem beija!
 É ser mendigo e dar como quem seja
 Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor
 E não saber sequer que se deseja!
 É ter cá dentro um astro que flameja,
 É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!
 Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...
 É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim perdidamente...
 É seres alma, e sangue, e vida em mim
 E dizê-lo cantando a toda a gente!

Florbelá Espanca

SER POETA

Ser poeta
 É da dor criar algo belo
 É pensar no amor
 E reviver ao escrevê-lo
 Ser poeta
 É mergulhar nas ondas
 Naufragar a tempestade
 Esquecer as afrontas
 Ser poeta

É escavar no sentimento
 Soltar a resina
 Estancar o momento
 Ser poeta
 É sê-lo não dizê-lo
 É cantar para fora
 O que nos rói cá dentro
 Abrir as entranhas
 E espalhá-las ao vento.

Pedro Farinha

O P DE POETA

ABCEDÁRIO DO POETA

A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U
V
X
Z

2.2. Sobre que pode escrever-se poesia?

SOBRE QUE PODE ESCREVER-SE POESIA?, segundo Alice Vieira

Há poemas sobre animais, sobre pessoas, sobre sentimentos, sobre a natureza. Há poemas sobre fadas, sobre pastores, sobre crianças e velhos. Há poemas sobre uma rua, sobre uma casa, sobre uma pedra que de repente se encontra a meio do caminho. Há poemas sobre a tristeza e sobre a alegria. E podemos rir e chorar com eles.

Pode-se escrever um poema a propósito de tudo. Não há temas melhores ou temas piores: há a arte de saber escrever a seu respeito de uma maneira criativa, ou seja, de uma maneira que seja só nossa.

(Excerto(s) do Prefácio de Alice Vieira no livro “O meu primeiro Álbum de Poesia”)

3. COMO ESCREVER E ENSINAR A ESCREVER POESIA?

(Parêntesis)

HABLAR DE POESÍA CON NIÑOS, por Miquel DescLOT

Muy a menudo me piden que hable de poesía a niños o adolescentes en escuelas, bibliotecas o institutos. Cuando hablo con adolescentes del tema lo hago exactamente de la misma manera en que lo haría con adultos; claro está, con las reservas correspondientes a la falta de experiencia que puedo adivinar en aquel público. Cuando le hablo a niños de primaria, en cambio, sé perfectamente que les debo explicar lo mismo que a los adolescentes pero que no se lo puedo explicar de la misma manera. Así como hay una literatura específica para niños (narrativa, poética o dramática), es lógico que también se pueda derivar una metaliteratura propia.

¿Cómo se puede explicar el lenguaje poético a los niños, quienes, naturalmente, no están para demasiadas abstracciones? Sólo se me ocurre una solución: ponerles ejemplos “vivos” delante. Y ¿eso es todo? No: también se les puede hacer conscientes de la utilidad del lenguaje poético, más allá de la experiencia que generan los propios poemas. Intentaré resumir, pues, los argumentos que uso para persuadirlos del interés de esta manera peculiar de utilizar la lengua de la comunidad.

Yo tengo una verdadera debilidad por los artistas de circo, a pesar de que debo confesar que no he ido al circo tan a menudo como habría querido (y no ha sido por falta de ganas). Me gusta el circo por la variedad de prácticas imaginativas de las que se vale para desvelar la emoción en el público. Cuando digo eso, no pienso en el circo más sofisticado y tecnologizado (y mercadeado) del siglo XXI (estilo Cirque de Soleil), que naturalmente también me fascina, sino en el honrado circo tradicional, capaz de hacer que salte la chispa de la emoción con los medios más elementales de toda la vida (estilo Circ Cric o Circ Raluy). Me emociona el acróbata, me emociona el payaso, me emociona la trapeceista, me emociona el domador de fieras (cuando eso no estaba prohibido), me emociona el mago, me emociona el equilibrista, me emociona en definitiva todo artista capaz de sorprenderme con sus habilidades. Pero estos mismos artistas, cuando han finalizado la actuación y se adentran en la vida de la ciudad, para ir a comprar el periódico o para tomar un café con amigos, lo hacen desnudos de sus atributos de artistas de circo: el payaso ya no lleva puesta la nariz roja, el acróbata no va haciendo volteretas por la calle, el domador no pasea tampoco un león cogido con la cadena... En la vida ciudadana de todos los días, los artistas de circo son gente normal y corriente como nosotros. Yo no pagaría ni cinco céntimos para ver como un payaso compra el diario en un quiosco, ni para escuchar a un acróbata pidiendo el precio del pescado a una vendedora del mercado, ni tampoco para ver cómo el domador de leones se hace un huevo frito en la cocina de su caravana. Cuando sí que me apetece pagar para verles es cuando estos artistas se plantan en la pista del circo y se disponen a ejecutar las cosas extraordinarias que sólo ellos saben hacer: es tan solo entonces cuando me emocionan; cuando hacen cosas extraordinarias!

Con las palabras ocurre como con los artistas de circo. Las palabras de todos los días son útiles y respetables (al final, son las palabras las que de hecho nos hacen humanos, las que nos hacen diferentes de todos los otros parientes de la familia de los primates). Sin las palabras, nuestra vida cambiaría dramáticamente de arriba abajo. Pero las palabras de todos los días, como el payaso paseando por el parque, no son emocionantes: quién pagaría un céntimo para escuchar a una niña

pidiendo a su vecino de mesa “pásame la goma de borrar, por favor”? Y, en cambio, las palabras también son capaces de satisfacer nuestra aparentemente insaciable sed de emoción. Entonces, ¿cómo pueden emocionarnos las palabras? Sencillamente: como los artistas de circo, haciendo cosas extraordinarias. Es cuando se ponen a hacer de artistas, cuando comienzan a hacer cosas extraordinarias, que las palabras nos logran emocionar.

Ahora bien: ¿qué cosas extraordinarias pueden hacer las palabras, que al final son invisibles? Y, más aún, cómo podrían mostrar sus habilidades en una pista de circo? Las cosas extraordinarias que saben hacer las palabras sólo se pueden exhibir en una pista poética, el escenario apropiado para unos artistas invisibles como ellas. Porque son invisibles, sí, pero en compensación son audibles y, sobre todo, comprensibles. Porque las palabras son de entrada sonido, o sea: vibraciones del aire que captamos con las parabólicas de las orejas. Pero también son significado, que desentrañamos a través de nuestra inteligencia. Es mediante la combinación de sonido y significado que las palabras han desarrollado sus habilidades artísticas.

Llegados a este punto es cuando debo trabajar con ejemplos concretos, pero como eso alargaría más de lo previsto la presente exposición, me limitaré a esbozar unas líneas generales de mi demostración ante los niños que me escuchan.

¿Qué cosas extraordinarias se pueden hacer con el sonido? Se puede hacer ruido, está claro, pero el ruido no resulta emocionante, sino más bien irritante y perjudicial para el sistema nervioso. Pero con el sonido, bien elaborado, también se puede hacer música, y la música sí que es una generadora universal de emoción. Por lo tanto, cuando las palabras se proponen emocionarnos, la primera cosa extraordinaria que se les ocurre para sorprendernos es hacer música. Y eso es lo que han intentado (con éxito evidente) desde los inicios de la evolución de la humanidad. Para mostrar la música de un poema, lo mejor sería recitar una poesía en una lengua que el público desconociese. Por ejemplo, en japonés. Pero como yo no sé japonés, lo que hago en estos casos es recitar una poesía mía en catalán, pero muy pero que muy deprisa, para que el público no tenga tiempo de fijarse en lo que significan las palabras y en cambio pueda percibir parámetros musicales como el ritmo, la melodía o el timbre. Por aquí podemos comenzar a entender que una poesía nos pueda fascinar incluso antes de que la comprendamos.

Pero en la pista poética no tan sólo aparecen bailarines, cantantes o músicos tocando instrumentos, porque hemos quedado en que la poesía no está hecha sólo de sonido, sino también de significado, ¿no? Es necesario aprender a valorar otra clase de artistas que hacen cosas extraordinarias con los significados. Y, naturalmente, eso también debe alcanzarse con ejemplos “vivos”. Visto de esta manera, la metáfora no es sino una adivinanza astuta, una artista que juega a confundirnos y nos exige que salgamos a la pista a colaborar con ella. Todos los tropos catalogados por la retórica no son sino maneras de provocar que las palabras hagan cosas extraordinarias, inusuales; es decir: que se comporten como artistas.

Naturalmente, los niños —como los adultos— no tienen por qué saber métrica ni retórica para disfrutar de la poesía. Pero sí que son perfectamente capaces de comprender que, en el lenguaje poético, las palabras se comportan de una manera extraordinaria. No olvidemos nunca que los niños son, está claro, más inexpertos que los adultos, pero para nada menos inteligentes.

3.1. Como pode escrever-se poesia?

COMO PODE ESCREVER-SE POESIA?, segundo Alice Vieira

É claro que as palavras são as que se encontram no dicionário: a arte está no modo como as usamos e as misturamos e como (por vezes) reinventamos as regras da gramática. Às vezes criam-se realidades novas. Outras vezes iluminam-se as coisas simples e conhecidas dando-lhes uma dimensão diferente da habitual.

(Excerto(s) do Prefácio de Alice Vieira no livro “O meu primeiro Álbum de Poesia”)

TRÊS PASSOS PARA ESCREVER POESIA

1. PREPARAR-SE

- Trabalha com alguém, se possível
- Partilha com esse alguém as tuas ideias
- Anota todas as ideias num papel de rascunho
- Não te preocupes demasiado com a gramática e a pontuação (nesta fase)

2. CONCENTRAR-SE

- Lê o que escreveste
- Fala acerca do que escreveste. Podes torná-lo melhor?
- Elimina as ideias de que não gostes
- Adiciona palavras de que gostes e retira aquelas de que não gostes.
- Melhora as palavras que escreveste no rascunho.
- Tenta descobrir as melhores palavras para expressar as tuas ideias (as mais interessantes, poderosas ou descritivas).

3. ESCRIVE

- Lê de novo as tuas ideias.
- Escolhe as melhores ideias para o teu poema.
- Verifica se há erros de ortografia.
- Verifica se a pontuação está correcta.
- Pensa se o que escreveste expressa da melhor maneira as tuas ideias.

(Fidge, Louis (2002). *Teaching Poetry. Book 3. Years 5 & 6*. Letts Educational : London, p. 64)

3.2. Anatomia de um poema - o Corpo do poema

<ul style="list-style-type: none"> • Monóstico <p>Repousem em paz as macieiras e os gatos</p> <p>(Alexandre O’Neil - A Saca de Orelhas)</p>	
<ul style="list-style-type: none"> • Dístico ou parelha <p>- Caranguejo, caranguejo Onde estás que te não vejo?</p> <p>- Meti-me aqui num rochedo, Pois um rapaz me faz medo.</p> <p>Caranguejo, caranguejo Onde estás que te não vejo?</p> <p>- Meti-me dentro da areia</p>	

<p>Porque tens a cara feia, Caranguejo, caranguejo Onde estás que te não vejo?</p> <p>- Ah, corri de marcha atrás, Disso não és tu capaz.</p> <p>Luísa Ducla Soares (O Planeta azul)</p>	
<p>• Terceto</p> <p>Pula, pula, pula da tigela pra caçula, a pequena lula.</p> <p>Pula, pula, pula devagar e sem gula, a pobre da mula.</p> <p>João Manuel Ribeiro (Inédito)</p>	
<p>• Quadra</p> <p>Após um dia tristonho, De mágoas e agonias, Vem outro alegre e risonho: São assim todos os dias.</p> <p>Embora os meus olhos sejam Os mais pequenos do mundo, O que importa é que eles vejam O que os homens são no fundo.</p> <p>António Aleixo (<i>Este livro que vos deixo...</i>)</p>	
<p>• Quintilha</p> <p>Tinha um chapéu tirolês Feito com palha de trigo. Por distração outra vez Comeu-o com avidez Um burrinho meu amigo.</p> <p>Vergílio Alberto Vieira (A Cor das Vogais)</p>	
<p>• Sextilha</p> <p>Sou filho de pais cantantes, Minha mãe não tinha dentes... Nem nenhum dos meus parentes... Eu de mim sou todo calvo, Meu coração amarelo E o meu rosto é todo alvo!</p> <p>(Pintainho) (Recolha de José Viale Moutinho – O livrinho das Adivinhas)</p>	
<p>• Estrofe de sete versos</p> <p>Perguntar se a alegria é inteira ou tem medida se é oval ou circular de que maneira a contém o olhar quando a anuncia é o mesmo que perguntar: - Quantas margens tem o mar?</p> <p>Nuno Higinio</p>	

(Versos Diversos)	
<p>• Oitava</p> <p>O tinteiro fez tim quando a tinta chegou ao fim. O aparo tocou no fundo e foi o fim do mundo. A tinta que era azul pintou um pássaro num bule e na hora em que secou foi um sol que se apagou.</p> <p style="text-align: right;">José Jorge Letria (O Livro das Rimas Traquinas)</p>	
<p>• Estrofe de nove versos</p> <p>Escrevo a palavra <i>girafa</i> e tu esticas o pescoço. Escrevo a palavra <i>cachecol</i> e tu enroscas-te como um caracol. Escrevo a palavra <i>gripe</i> e tremes debaixo do lençol. Escrevo a palavra <i>porta</i> e tu sais a correr deste poema que te pareceu coisa bem torta!</p> <p style="text-align: right;">Teresa Guedes (Real...mente)</p>	
<p>• Décima</p> <p>Pêssegos, pêras, laranjas, Morangos, cerejas, figos, Maçãs, melão, melancia Ó música de meus sentidos, Pura delícia da língua; Deixai-me agora falar Do fruto que me fascina, Pelo sabor, pela cor, Pelo aroma das sílabas: Tangerina, tangerina.</p> <p style="text-align: right;">Eugénio de Andrade (Aquele nuvem e outras)</p>	

3.3. Ao sabor do pensamento, do prazer e da emoção

4. FERRAMENTAS POÉTICAS

Rimar?

“- Professora, preciso de uma palavra que rime com *cordão*, pode ser *campeão*?”
“- Claro que não! Não se faz um poema assim!”
Explicou-nos que campeão é aquele que escreve um poema ao sabor do prazer e da emoção
E só no fim o vai rever e aperfeiçoar, até ele tilintar.
Tilintar?!
Sim, pode rimar, mas há versos brancos, que de tão claros, nos deixam livres para exprimir as ideias sem as cintar.
Cintar?!
Sim, às vezes, a rima é como os cintos apertados, que não deixam as pessoas respirar.
Digam lá se não dava jeito este poema continuar com a rima a terminar sempre em *ar*?
Mas não! Entendemos a lição: ficámos a saber como se ouve e se respira um poema.

Teresa Guedes, *Real...mente*. Editorial Caminho, 2005, p. 33

5. DAR CORDA ÀS PALAVRAS: ESCREVER COM...

5.1. Letras e Traços

5.1.1. Divertir-se com sinais gráficos

Pode fazer-se poesia com ou a partir dos sinais gráficos.

Alguns exemplos:

^

Se me puseres
Serás a mais bonita das mulheres.

^

Dou guarida e afecto
A vogal que procure um tecto.

• • •

Em aberto, em suspenso
Fica tudo o que digo.
E também o que faço é reticente...

()

Quem nos dera bem juntos
Sem grandes apartes metidos entre nós!

•

Depois de mim: maiúscula
Ou o espaço em branco
Contra o qual defendo os textos

Alexandre O'Neill (Poesias Completas – Assírio e Alvim)

Agora eu...

5.1.2. *Divertir-se com letras*

Pode fazer-se poesia jogando com a forma e/ou o sentido das letras.

Alguns exemplos:

PPP

Pescador de palavras
pesco a pedra e o pássaro;
Pescador de palavras
pesco o pássaro e o pífaros;
Pescador de palavras
pesco o pífaros e o peixe.

E com palavras parto,
com palavras fico.
Com palavras peço.
Com palavras peço.
Com palavras grito.
Com palavras acabo
e recomeço.

Pescador de palavras
pesco o poema:
pífaros de paz
e pedra de arremesso.

José Carlos de Vasconcelos (De Águia a Zebra)

A LETRA Q

Estou sempre muito longe.
Dizem qualquer coisa e eu pergunto
- Quê?
Pergunto sempre:
- Quê?
Não sei porquê
O meu amigo V
Zanga-se e diz:
- És surdo ou quê?
E eu respondo sinceramente:
- Sou quê.

Mário Castrim (Estas são as letras)

Agora eu...

5. 1.3. *Divertir-se com palavras*

Pode fazer-se poesia brincando com as palavras, fazendo-as crescer ou diminuir, com capicuas, descobrindo e destacando palavras escondidas nas palavras e trocando as sílabas ou mesmo misturando palavras.

Alguns exemplos:

Palavras crescentes e decrescentes...



O Tubarão
É o barão
da tuba?

A Girafa
Só gira para fá
E não pra cá e lá?

O macaco
Caiu da maca
E ficou um caco?

João Manuel Ribeiro (Inédito)

Mistura de palavras (Troca de sílabas)

GIGÕES E ANANTES

Gigões são anantes muito grandes.
Anantes são gigões muito pequenos.
Os gigões diferem dos anantes porque
uns são um bocado mais outros são um bocado menos.
Era uma vez um gigão tão grande, tão grande,
que não cabia. – Em quê? – O gigão era tão grande
que nem se sabia em que é que ele não cabia!
Mas havia um anante ainda maior que o gigão,
e esse nem se sabia se ele cabia ou não.
Só havia uma maneira de os distinguir:
era chegar ao pé deles e perguntar:
Mas eram tão grandes que não se podia lá chegar!
E nunca se sabia se estavam a mentir!
Então a Ana como não podia
resolver o problema arranjou uma teoria:
xixanava com eles e o que ficava
xubiante ou ximbimpante era o gigão,
e o anante fingia que não.
A teoria nunca falhava porque era toda
com palavras que só a Ana sabia.
E como eram palavras de toda a confiança
só queriam dizer o que a Ana queria.

Manuel António Pina (O Têpeloquê)

Palavras capicua:

AVESSOS

1.
O amor é romã
e amar é rama
ou ramos a somar
mais aroma à amora.
2.
Ana é anã.
Lena é anel.
Eva é ave.
Lina é anil.
Raúl é luar.
Saúl é luas.

João Manuel Ribeiro (Inédito)

Palavras escondidas e Troca de sílabas

ESTRANHOS BICHOS

Agora eu...

5.1.4. Divertir-se com figuras geométricas

Pode fazer-se poesia brincando com as formas, falando delas, fazendo-as figurar num poema.

Alguns exemplos:

RECTÂNGULO

Desde que conheço o primo quadrado,
que com ele disputo tamanho e beleza;
para o deixar sem qualquer defesa
cresci, cresci, cresci mais dum lado.

João Manuel Ribeiro (Inédito)

IGUALZINHO

Sei que sou
igualzinho à lua,
sou o mais bonito
lá da minha rua.

Sei que sou
igualzinho à roda,
giro e danço
qualquer moda.

Sei que sou
igualzinho ao anel,
vivo no dedo
pra me dizer fiel.

Sei que sou
igualzinho à argola,
ato aves e sonhos
a qualquer gaiola.

João Manuel Ribeiro (Inédito)

TRIÂNGULO

Tenho três biquinhos,
três biquinhos de chapéu
tão altos que roçam o céu
e a cabeça de três palhacinhos.

Biquinhos, tenho um, dois, três
a contar de qualquer lado.
Posso ser fatia de quadrado
e o rectângulo em dois me fez.

Tenho vários ângulos também,
o ângulo recto e os ângulos errados
e conforme a diferença dos lados
tenho nomes como ninguém.

João Manuel Ribeiro (Inédito)

Agora eu...

5.1.5. Caligramas

Escrever / desenhar uma das letras de uma palavra de forma a sublinhar-lhe o significado.

Alguns exemplos:

SINO
NO) (SI

o
rio
roi
oro
orior
orion
rionoir
ronronron



Agora eu...

5.1.6. *Texto objecto*

Inventar, escrever ou reescrever um poema,
dando-lhe a forma de um objecto relevante na sua significação.

Alguns exemplos:

Agora eu...

5.1.7. As letras apresentam-se

Escolher uma letra do alfabeto que vai apresentar-se através de uma lista de palavras de que ela é a inicial.
Variante: fazer um poema sobre uma letra do alfabeto

Alguns exemplos:

AS LETRAS APRESENTAM-SE

Brincando com o abecedário,
Começando pelo **A**,
Fazendo canções no meu diário,
Onde digo a palavra abraçar.
Lembro-me do **B**,
Quando passo pelos campos,
onde a tristeza é ausente,
mas as borboletas permanentes.
O **C** que quer dizer carinho,
que eu preciso ao longo de todo o caminho.
Do **D** e do **E** preciso,
para dialogar com colegas,
do **E** necessito para os meus colegas encontrar.
Do **F** e **G** me lembro,
quando falsidades me perseguem,
mas continuo sempre em frente,
para a tristeza não ganhar.
O **H** representa harmonia,
O **I** lembra inteligência,
que faz companhia,
a toda a ciência.
O **J** fala de janelas,
que se abrem todos os dias,
O **K** lembra-me o “kero” que escrevo,
Ao longo do dia.
Passando pelo **L** de latitude,
das aulas de geografia me lembro,
falando o **M** mais alto,
cada vez que a nota era má.
O **N** falava todos os dias,
e dizia que não era o fim do mundo.
Depois o **O** mostrava-me que,
a pensar assim uma nota ótima conseguiria.
O **P** não me deixava parar,
mas sim para lutar.
O **Q** vinha ajudar dizendo,
que ia conseguir se quisesse.
O **R** mostra como são os meus dias,
a rir,
O **S** apoia, dizendo,
para todos os dias continuar a sorrir.
De seguida o **T**, dizia que estava tramada,
se parasse agora.
O **U** para consolar,
dizia-me que era uma fase.
O **V** representa o caminho,
que um dia vou querer passar,
cheio de vales, o **X**, acompanha o “kero”.
que escrevo.
O **Z** assinala o fim desta história.

Marlene (Aguiar da Beira)

Agora eu...

5.1.8. Letras impostas

Pode-se (fazer) escrever um poema em que determinada letra ou fonema é obrigatória em (quase) todas as palavras, ainda que com grafias diferentes.

Alguns exemplos:

C

Com **c**ana não **ca**ça o **ca**çador,
a **c**ana é **ca**çadeira de pescador.
Cada **co**isa **c**asa com seu **ca**so,
se à **c**onfusão não deres azo.

G

A **g**ota de água **g**osta do **g**irassol
e o **g**irassol **g**osta de tal **g**osto.
Oxalá que o **g**rande e grave sol
de **A**gosto não a mate de **d**esgosto.

J

Juraram a **J**oana e o **J**oão,
juntar a **j**ibóia e o **j**avali
a **j**antar, ou **j**unto de si,
ou na **j**anela da imaginação.

P

Os **p**és dos **p**atos são as **p**atas,
os **p**és das **p**atas, **p**atas são.
Com tantos **p**és ainda desatas
a chamar **p**atas aos **p**és do **p**atrão.

T

Falta **t**ino ao **T**ino **T**inoco.
Tão pouco **t**ino é desatino
que põe o **T**ino com o “**t**oco”
e toda a **t**urma sem **t**ino.

João Manuel Ribeiro (Inédito)

Agora eu...

5.1.9. Lipogramas

Escrever um poema em que determinada letra fica proibida
(se a escolha incidir sobre uma vogal a dificuldade será maior).

Alguns exemplos:

SEM A

Meu ursinho,
Tu és único.
És o sol do meu viver.
Eu penso em ti todos os momentos.
Tu és o meu ursinho preferido.
Se os teus olhos fogem dos meus eu morro.
Tu és o fogo que me eu sinto no meu peito..

SEM I

Meu doce tu és o sol do meu nascer.
Tu fazes-me renascer e ser desejada.
O meu pensamento é só teu e só teu.
A tua boca quando me toca tudo
desaparece menos o teu toque na boca que me sente.

SEM E

Tu, cara laroca da minha vida,
vais estar sempre no coração.
Tu abrilhantas a minha vida.
Quando sonho, imagino a minha vida contigo.
A nossa vida, o nosso futuro sorri-nos.

SEM A LETRA A

No cume de um belo morro, / meu domicílio erigi, /
Cheio de flores silvestres / E ninhós de juriti.

Corre por entre os rochedos, / num burburinho terno e doce, /
um ribeirão mimoso, / como se espelho ele fosse.

Deus tudo fez de perfeito / (nele o perfeito consiste). /
Criou o mundo e nos deu / todo o bem que nele existe.

Nos centros de movimentos, / o viver nos é penoso. /
Nos bosques tudo é sossego, um Éden cheio de gozo.

Logo rompe o sol no céu, / em seu brilho sedutor. /
E todo o meu domicílio / tem um perfume de flor.

Como é ditoso viver / bem longe do burburinho, /
entre o perfume de flores / longe do mundo... sozinho.

Vivendo em belo retiro, / no cume de um belo monte, /
o nosso espírito sente / como é risonho o horizonte.

Virgílio Gomes Nogueira

Agora eu...

5.2. Palavras e encadeamentos

5.2.1. Palavra puxa palavra

Escrever um primeiro verso.

Continuar a escrever os versos seguintes, iniciando cada linha com a última palavra da linha anterior.

Se puder rimar, melhor.

Alguns exemplos:

AMANHÃ É DOMINGO

Toca o sino
O sino é de ouro
Mata-se o touro
O touro é bravo
Ataca o fidalgo
O fidalgo é valente
Defende a gente
A gente é fraquinha
Mata a galinha
Para a nossa barriguinha.

Do Património Oral

A BOLA É REDONDA

Em cima de uma pomba
A pomba é branca
Em cima de uma tranca
A tranca é de pau
Berim-bim-bau

Do Património Oral

O SENHOR É PARVO

O senhor é parvo
parvo é o senhor
senhor dos passos
passos do concelho
concelho de ministros
ministro da guerra
Guerra Junqueiro
Junqueiro dos mares
mares da China
China Xangai
Xangai xequé
xeque mate
mate quem
mate o senhor
o senhor é parvo
parvo é o senhor!

Agora eu....

5.2.2. Número puxa palavra

Alguns exemplos:

UM PUM

Um pum
Dois bois
Três inglês
Um pum
Dois bois
Três inglês
Quatro arroz no prato
Cinco Maria do brinco
Seis Maria dos Reis
Sete pega no canivete
Oito vai ao biscoito
Nove dá esmola ao pobre
Dez vai lavar os pés
Onze os sinos de Mafra são de bronze.

Do Património Oral

HORAS DE SONO

Quatro horas dorme o santo,
Cinco o que não é santo...
Quatro horas dorme o santo,
Cinco o que não é santo,
Seis o caminhante,
Sete o estudante,
Oito o preguiçoso,
Nove o porco,
Mais só o morto.

Do Património Oral

1 menino a correr, e
2 a cair
3 passarinhos a cantar, e
4 a voar
5 folhas da árvore caíram
6 formigas partiram
7 carros passaram, e
8 pais assobiaram
9 escolas fecharam e durante
10 dias os meninos brincaram.

Alunos do 1.º Ano da Benescola

Agora eu....

5.2.3. Acróstico

Amar o ambiente.
Manter as florestas limpas
Beleza das árvores coloridas.
Incentivar a reciclagem.
Encontrar novas espécies florestais e plantas.
Não destruir a natureza.
Tratar bem os animais e plantas.
Embelezar as paisagens.

Micael

A nossa Natureza é importante;
Mas os homens estão a poluí-la;
Bem, os homens não ajudam o planeta;
Imensos hectares foram destruídos;
Então, nós temos de ajudar o nosso planeta;
Ninguém o pode poluir;
Temos o dever de o ajudar;
Então, viva o nosso planeta!

Sérgio

Anda, vem ajudar
Mar com lixo
Bonito vai ficar
Importante é melhorar
E não parar
No ambiente vamos trabalhar
Todos ajudamos!
E reciclamos

Tiago

Agora eu...

5.2.4. Inventários fúteis?

Escrever listas de coisas banais, aparentemente fúteis: coisas elegantes e deselegantes; coisas que divertem e coisas que enfurecem; coisas que fazem crescer água na boca e coisas que enojam; coisas a que apetece deitar a mão e coisas a desprezar; lugares de que se gosta e lugares de que se não gosta; aquilo que se sabe ou que se queria saber; palavras luxuosas e palavras vulgares, palavras duras e palavras doces e... construir um poema usando essas palavras.

Um exemplo:

INVENTÁRIO

Um dente d'ouro a rir dos panfletos
Um marido afinal ignorante
Dois corvos mesmo muito pretos
Um polícia que diz que garante

A costureira muito desgraçada
Uma máquina infernal de fazer fumo
Um professor que não sabe quase nada
Um colossalmente bom aluno

Um revolver já desiludido
Uma criança doida de alegria
Um imenso tempo perdido
Um adepto da simetria

Um conde que cora ao ser condecorado
Um homem que ri de tristeza
Um amante perdido encontrado
Um gafanhoto chamado surpresa

O desertor cantando no coreto
Um malandrão que vem pe-ante-pé
Um senhor vestidíssimo de preto
Um organista que perde a fé

Um sujeito enganando os amorosos
Um cachimbo cantando a marselhesa
Dois detidos de fato perigosos
Um instantinho de beleza

Um octogenário divertido
Um menino coleccionando estampas
Um congressista que diz Eu não prossigo
Uma velha que morre a páginas tantas

Alexandre O'Neill

Agora eu...

5.2.5. O poema das 7 palavras

Escrever sete palavras – nomes e adjectivos ou só nomes
– que sejam muito significativos para si mesmo.
Fazer um poema com essas palavras, associando-as diversamente ou repetindo-as.

5.2.6. Palavras coladas

Decompor / recompor palavras de forma a reforçar o sentido ou a produzir outros.
Construir um texto para elas ou a partir delas.

Um exemplo:

O falcão: já viram os olhos como são felinos? Certo seria chamar-se falgato.

O macho da catatua: o catateu.

O macho da gazela? O gazele.

A fêmea do elefante, a elefanta.

A mais bela cá na área? A canária.

E que dizer da ave que pia e logo se arrepende: a ave dos arrepios.

O pelicano. Como está magro: é só pele e cano.

Rectifico o albatroz: alba sim, atroz nunca.

Mia Couto (Cronicando)

Agora eu...

5.3. Textos multiplicados

5.3.1. Continuar o poema

LENGALENGA DO VENTO

Andava o senhor vento
um dia passeando
encontrou uma formiga:
- Senhor vento, que força!
Lá caí de barriga.

Andava o senhor vento
bailando no olival
quando viu um lagarto:
- Senhor vento, que força!
Já nem por aqui escapo.

Andava o senhor vento
correndo no jardim
quando ouviu uma flor:
- Senhor vento, que força!
Tenha pena de mim.

Andava o senhor vento
a rir pelo pinhal
quando ouviu uma galinha:
- Senhor vento, que força!
Uma pinha na pinha!

Então o senhor vento
foi para o alto do monte
e encontrou um moinho:
- Senhor vento, que bom!
Eu estava tão sozinho!

Andava o senhor vento
pé ante pé na vinha
quando avistou um cão:
- Senhor vento, que força!
Fui de focinho ao chão!

Andava o senhor vento
a brincar pela rua
quando viu uma cereja:
- Senhor vento, que força!
Não me empurre, que me aleija!

Maria Alberta Meneres (Lengalenga do Vento)

Andava o senhor vento

encontrou _____:

- Senhor vento, _____!

Andava o senhor vento

encontrou _____:

- Senhor vento, _____!

Andava o senhor vento

encontrou _____:

- Senhor vento, _____!

Andava o senhor vento

encontrou _____:

- Senhor vento, _____!

5.3.2. *Poemas à maneira de...*

<p>DIZEM ...</p> <p>Diz o sol: – Está na hora de abrir o guarda-sol. Diz a lua: – Já não sou tua! Diz a minha mãe: – Está na hora da lição. Diz a tua: – Vamos lá, então!</p> <p>Diz a alegria: – Não sinto tristeza. Diz a tristeza: – Não sinto alegria. Diz a amizade: – Já sinto saudade. Diz a beleza: – Não amo a fealdade.</p> <p>Digo eu: – Foi um ar que lhe deu! Dizes tu: – É verdade, Deus meu! Dizemos nós: – Comamos duma assentada, Dizem vós: – Chegai-nos daí o pão,</p> <p>Dizemos todos: – Passai-nos a marmelada.</p> <p>Maria Helena Pires (Meia História)</p>	<p>“DIZEM ...” (à maneira de Maria Helena Pires)</p> <p>Diz a borboleta: não tenho a cor violeta! Diz a lagarta: que grande lata! Diz o sol: que grande girassol! Diz a amizade: que grande felicidade!</p> <p>Diz a beleza: que grande tristeza! Diz o pão: que comilão! Dizemos nós: que grande noz! Diz o dado: estou encantado!</p> <p>Dizemos todos: Somos tão lindos!</p> <p>(Raquel e Ana Rita – 3º ano – Escola Básica de Albergaria-a-Velha)</p>
<p>UMA ESCOLA AO CONTRÁRIO</p> <p>Era uma escola muito engraçada, não tinha alunos, não tinha nada.</p> <p>Não tinha salas, não tinha chão, não tinha livros nem corrimão.</p> <p>Não tinha mapas, não tinha pipetas, não tinha relógios nem tinha lambretas.</p> <p>Não tinha recreio, não tinha portão, nem professores em contra-mão.</p> <p>Mas era uma escola com alegria, cheia de sol e de fantasia.</p>	<p><u>Agora eu...</u></p>

5.4. Modelos e subversões

- Receitas para fazer...
- Definições ImPróprias e muito próprias
- Adivinhas
- O pretérito perfeito conta uma história
- Escrever com cores
- 5.4.7.Perguntas comuns, respostas extraordinárias
- Pares extravagantes
- No reino do contrário

(ALGUMA) BIBLIOGRAFIA

- Barros, Elsa de (2008). Escrita criativa: uma janela aberta para um novo mundo. *Noesis*, 72. Lisboa: ME e DGIDC.
- Carmelo, Luís (2007). *Manual de Escrita Criativa, I e II*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Gomes, Luísa Costa (2008). Um escritor na sala de aula. *Noesis*, 72. Lisboa: ME e DGIDC.
- Guedes, Teresa (2000). *Criatividade precisa-se... na poesia, na narrativa e na área de Projecto*. Lisboa: Caminho.
- Guedes, Teresa (2002). *Poetas “difíceis”? – Um mito*. Lisboa: Caminho.
- Leão, M. & Filipe, H. (2005). *70+7 Propostas de escrita lúdica*. Porto: Porto Editora.
- Leitão, Nuno (2008). As palavras também saem das mãos. *Noesis*, 72. Lisboa: ME e DGIDC.
- Magee, Wes (2009). *Como escrever poemas – Põe as tuas ideias no papel*. Lisboa: Texto Editores.
- Menéres, M. Alberta (1999). *O poeta faz-se aos 10 anos*. Porto: Edições Asa.
- Moreno, Victor (2004). *Va de poesia. Propuestas para despertar el deseo de leer y escribir poesías*. Pamplona: Pamiela Editorial.
- Neves, Manuela C. & Martins, Margarida A. (2000). *Descobrimos a linguagem escrita. Uma experiência de aprendizagem da leitura e da escrita numa escola de intervenção prioritária*. 2.^a Edição. Lisboa: Escolar Editora.
- Norton, Cristina (2001). *Os mecanismos da escrita criativa: escrita criativa, actividade lúdica*. Lisboa: Temas e debates.
- Rincón, Valentín (2008). *Palindromero*. México: Nostra Ediciones.
- Rodari, Gianni (2006). *Gramática da Fantasia - Introdução à arte de inventar histórias*. 6.^a Edição. Lisboa: Caminho.
- Santos, Margarida F. & Serra, Elsa (2007). *Quero ser escritor – Manual de escrita criativa para todas as idades*. Lisboa: Oficina do Livro.
- Sena-Lino, Pedro (2007). *Criative-se – Usar em caso de escrita*. Lisboa: Companhia do Eu.
- Siméon, Jean-Pierre & Tallec, Olivier (2006). *Un poema para curar a los peces*. Madrid: Editorial Kókinos.

CDS COM POEMAS (E OUTROS TEXTOS)

- Dias, Afonso (2002). *Cantando alpalharey. Poesia infanto-juvenil em Português*. Faro: Edere
(Contacto: adiasproducoes@iol.pt)
- *Composto de Mudança – Música para se deixar levar*. Lisboa: Portugal Telecom/SIC.
- Viegas, Mário (1990). *Poemas de Bibe* (Vol. X). Lisboa: Público.
- Costa, Aurelino (2009). *Poesia – Miguel Torga*. Paços de Brandão: Numérica